



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17824 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

CURRÍCULOS DA EJA EM ESCOLAS PÚBLICAS DE MACEIÓ: (RE)AFIRMANDO TÁTICAS E RESISTÊNCIAS

Valeria Campos Cavalcante - UFAL - Universidade Federal de Alagoas

Marinaide Lima de Queiroz Freitas - UFAL - Universidade Federal de Alagoas

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ

Resumo

Este artigo é um recorte do Observatório Alagoano de Leitura na EJA, dados retirados de uma pesquisa realizada no âmbito do Programa de Cooperação Acadêmica (PROCAD/CASADINHO), financiada pelo CNPq, tomando como foco de investigação o campo do currículo com/na Educação de Jovens e Adultos (EJA). O objetivo central desta pesquisa foi compreender nos cotidianos escolares da EJA a existência ou não de rupturas das prescrições curriculares impostas, na criação de currículos emancipatórios. Para o alcance desse objetivo, problematizamos: *até que ponto construções curriculares tornam-se possibilidades emancipatórias com/nas/das salas de aula da modalidade?* Assumindo como objeto de estudo os currículos *praticados* na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Maceió/AL. Busca-se “traduzir” (Santos, 2002) processos de tessitura e enredamentos curriculares, pelos/as *pensantespraticantes* – professoras e estudantes em aulas de leitura, no contexto de duas salas de aula da Educação de Jovens e Adultos em Maceió/AL.

Palavras-chave: EJA, Currículos, Táticas, aulas de leitura

1 INTRODUÇÃO

Assumimos a partir de Ferraço (2004) e Oliveira (2003), que a dimensão do currículo vai muito além das prescrições escritas e formais impostas às escolas, como parâmetros e propostas curriculares, livros didáticos, calendários de datas específicas entre outros textos, estando muito mais relacionado aos usos que

desses documentos são feitos e às criações e relações que emergem das práticas. Para Ferraço (2004, p.85), os currículos realizados são “redes de *fazeressesaberes*, de *discursospráticas*, compartilhadas entre os sujeitos que praticam os cotidianos das escolas, e que envolvem outros sujeitos para além desses cotidianos”.

Nesse contexto, a referida pesquisa tentou captar as táticas (Certeau, 2004) dentro das invenções que acontecem nas escolas, realizadas pelos *praticantespenantes*, tais invenções do/no/com cotidiano vão produzindo uma “cultura”, de saberes pedagógicos da escola, saberes produzidos por professores e estudantes, na dialeticidade da vida cotidiana, na concretude do cotidiano escolar.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1. Pesquisa, cotidianos e sujeitos – Currículos da/na EJA em Maceió em questão

Ao observar a prática em sala de aula da EJA em Maceió, nos interessava, neste estudo, as relações que eram estabelecidas das redes de *saberesfazeres* (Alves, 2008) e poderes entrelaçados nos currículos construídos cotidianamente, que aconteciam nesses *espaçostempos*, onde aconteciam também a interação entre as professoras e os estudantes, os processos de produção, a partilha dos conhecimentos curriculares, dentre outros acontecimentos.

Compreendendo que os currículos escolares da/na EJA devem estar para além do currículo oficial, devendo serem organizados considerando as vozes dos sujeitos estudantes e professores, assumindo que “[...] as escolas públicas como lugares onde, apesar de todas as pressões sofridas, a esperança ainda é um dado de vida. também queremos, de antemão, deixar registrado nosso otimismo em relação às escolas e aos seus sujeitos” (Ferraço, 2004, p. 79).

Nesta pesquisa, estávamos com a nossa atenção voltada para os detalhes do cotidiano das salas de aula da EJA, incorporando o lugar da pesquisa como *espaçotempo* de criação de conhecimentos válidos para todos os envolvidos.

Nessa perspectiva, caminhamos e buscamos sempre: “exige que estejamos dispostos/as a ver além daquilo que outros já viram e muito mais: que sejamos capazes de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade, captando sutilezas sonoras, sentindo a variedade de sabores, tocando coisas e pessoa” (Alves, 2002, p. 261).

buscando portanto encontrar sentidos nas “artes de fazer” de professoras e estudantes, na busca da compreensão de suas regras próprias e de seu desenvolvimento, suas táticas (Certeau, 2004, p. 142). Assim, fomos nos fortalecendo na compreensão, sobretudo na metáfora da rede, referendada por Alves (2002) a qual aponta que os *praticantes* desenvolvem conhecimentos em extensas e poderosas redes de contatos, comunicação e informações, não agindo somente enquanto consumidores. Escolhemos, então, prosseguir e ampliar trajetórias como *professoraspesquisadoras*, trilhando outros caminhos, que Ferraço (2001) nos fez compreender, ao mostrar-nos que: “Nossa metodologia de estudo da [da/na] escola é fortemente centrada na vida cotidiana [...]. Neste enfoque metodológico, assumimos que não existe um único, mas diferentes caminhos. Caminhos complexos, acidentais, plurais, multidimensionais, heterárquicos, fluidos, imprevisíveis”, (Ferraço, 2001, p. 103).

Ousamos dizer que esta investigação apresentou-se em Alagoas, como pesquisa inédita na EJA, que mostra um processo formativo rico de interações, trocas de saberes pedagógicos e científicos, possibilitadores do estabelecimento de relações *teoriaprática* mais horizontalizadas. Consideramos necessário ainda ressaltar que nesta investigação nos apoiamos em Freire (1979), no conceito de emancipação que se relaciona intrinsecamente com a educação libertadora e humanizadora, assim a escola aqui compreendida como espaço privilegiado da ação educativa possibilitando aos sujeitos construir suas próprias vozes, desenvolverem subjetividades democráticas e validarem suas experiências de maneira horizontal.

Seguindo essa perspectiva no Observatório, que focalizamos na próxima Seção, tivemos a oportunidade de vivenciar práticas pedagógicas comprometidas com os estudantes, enxergando-os como sujeitos inseridos em realidades concretas específicas, com diferentes anseios e expectativas culturais, sem aprisioná-los em estereótipos ou rótulos.

3. Resultados e discussões da pesquisa

3.1. As táticas utilizadas pelos *praticantespensantes* da/na EJA – construindo currículos emancipatórios

Os eventos de aulas de leitura na EJA, que se seguem foram escolhidos dentre as criações curriculares que dispomos na pesquisa desenvolvida pelo Observatório Alagoano de Leitura, que estão registradas no banco de dados do NEPEAL. Sua realização foi protagonizada pelas professoras Andréia (PA) e Marta (PM) de duas escolas públicas municipais de Maceió, que denominamos de Rubi e

Ametista, (utilizamos nomes fictícios), os recortes aqui apresentados, pode-se constatar a manutenção de um diálogo provocador.

Nos eventos aqui descritos e analisados, focalizar-nos-emos nas táticas, identificadas nos diálogos da sala de aula destacadas em negrito, acontecidas no cotidiano da sala de aula de EJA, como formas encontradas pelas professoras (PA), a Professora (PM) e estudantes (E1, E2, E3, E4, E5, E8) que lhes permitiram fugir dos rigores dos currículos prescritos, na tentativa de criarem possibilidades de currículos emancipatórios, ressalta-se que as duas professoras utilizaram o Poema – *Das Pedras* (Cora Coralina) como gênero textual para as suas aulas de Leitura, o referido poema fora escolhido coletivamente, em uma sessão de reflexão.

Poema – *Das Pedras* (Cora Coralina)

Ajuntei todas as pedras

que vieram sobre mim.

Levantei uma escada muito alta

e no alto subi.

Teci um tapete floreado

e no sonho me perdi.

Uma estrada,

um leito,

uma casa,

um companheiro.

Tudo de pedra.

Entre pedras

cresceu a minha poesia.

Minha vida...

Quebrando pedras

e plantando flores.

Entre pedras que me esmagavam

Levantei a pedra rude

dos meus versos.

(Cora Coralina)

Fonte: Internet – (www.paralerepensar.com.br/coracoralina.htm)

Evento de Aula nº 3: Poema – Das Pedras de Cora Coralina, aula de leitura profa. Andreia – escola Rubi.

Após a apresentação oral do poema “*Das Pedras*”, a professora Andréia buscou estabelecer um paralelo entre as pedras do poema de Cora Coralina e as pedras da vida dos estudantes, provocando-os e chamando a atenção para o significado do referido termo e inicia o diálogo:

Fragmento1

PA - Oi gente vocês viram aqui no texto, o poema fala de quê? De umas pedras que pedras são essas? Digam aí; seu A, dona M, e aí?;

E1 - Essas pedras aí professora eu entendi que são as pedras da vida dela, da Cora Coralina;

E2 - Eu entendi que as pedras foi por causa do casamento dela;

PA – Será que **foi só o casamento?**

E3 - **Eu acho que ela sofreu muito na vida por isso que ela diz que carregou muita pedra, ela diz assim que ajuntou as pedras, eu também carreguei muita pedra;**

Nos diálogos acima, constatamos na observação, que os estudantes estavam muito envolvidos com a temática discutida em sala, sentindo-se a vontade para colocar seus sentimentos, como por exemplo, quando E3 diz: [...] **ela [Cora Coralina] diz assim que ajuntou as pedras, eu também carreguei muita pedra.** Fica explícito uma identidade da estudante com o “Eu” Lírico da poesia, deixando que submergisse suas memórias, sua cultura.

Ao planejar a aula a professora faz a escolha por um poema que foge do conhecimento clássico aproximando-se das histórias de vida dos estudantes, o que acreditamos sem a intenção de buscar um currículo como prática cotidiana. Inferimos que estava instigada pelos desafios que a pesquisa do Observatório Alagoano de Leitura em EJA propunha nas sessões reflexivas e de estudo que realizou e que se constituíram em espaços de autorreflexão e estudos respectivamente sobre os saberes e a forma singular de aprendizagem docente. Isso permitiu que a professora fosse utilizando táticas (Certeau, 2004) e nesse sentido recriando currículos de acordo com as possibilidades que as situações ofereciam.

Desta forma, neste evento de aula observamos que existiu uma lógica para a prática cotidiana da professora Andréia que ao ouvir do estudante E2- **Eu entendi que as pedras foi por causa do casamento dela**, indaga: PA – **Será que foi só o casamento?** Convida os estudantes a refletirem e avançarem no diálogo, tendo consciência de que na EJA a maioria das mulheres narram que as interrupções dos estudos se dá primordialmente por causa do casamento e na sequência a chegada dos filhos, a professora estimula os estudantes trazerem para sala suas

histórias, suas realidades e as vivências tão próximas do eu lírico do poema.

Isso, no nosso entendimento é buscar táticas e resistências (Certeau, 2004), neste sentido a professora consegue estabelecer um paralelo entre o conhecimento científico e os saberes dos estudantes. Assim, o diálogo, nessa aula, foi revelando que o conhecimento que foi sendo tecido, superou o daltonismo as prescrições curriculares culturais, tomando como referência o conhecimento trazido por meio das redes de conhecimentos dos estudantes, que rejeita a ideia da intemporalidade das verdades absolutas (SANTOS, 2004).

Nessa direção, ficam explícitos os modos específicos e singulares como a professora e os estudantes se apropriaram dos currículos oficiais que lhes são impostos, extrapolando-os e dando-lhes outros contornos, ou seja, oportunizando a produção de currículos, compreendidos como algo que se tece com os fatos singulares da realidade das vidas dos estudantes, essa mesma perspectiva foi seguida pela professora Marta, conforme exposto abaixo.

Evento de Aula nº 3 Poema – Das Pedras de Cora Coralina, aula de leitura profa. Marta – escola ametista.

A professora Marta, assim como a profa. Andreia, ao utilizar o poema Das Pedras de Cora Coralina fugiu da prescrição, do currículo padrão estabelecido pela secretaria, nesse sentido, a sala de aula se configurou em um espaço de exercício de autonomia dos sujeitos sociais que se foi delineando em uma plataforma democrática, como criação cotidiana, conforme podemos constatar no diálogo que se segue:

Fragmento 2

E1 - Quando a senhora tava lendo eu fiquei aqui **pensando, parece com minha vida, por que eu também tive que juntar muitas pedras na vida.**

E2 - Eu também dona B, **pensei na minha vida eu também fiquei pensando quando eu ainda morava no interior, eu sofri muito, primeiro com meu pai depois com meu casamento.**

PM – Isso gente, veja só é da vida dela que a Cora tá falando né, mas ela também não ficou só no sofrimento não, ela consegue superar tudo não foi? Ela diz que quebrou as pedras.

E3 – É professora mais isso não é **fácil pra gente que é pobre né professora?**

O diálogo acima, registrado entre a professora e os estudantes, foi construído, mais uma vez relacionando as identidades dos estudantes com o poema, de modo próprio às regras que lhes são dadas para consumo, como refere E1 - Quando a senhora tava lendo eu fiquei aqui **pensando, parece com minha**

vida, porque eu também tive que juntar muitas pedras na vida e E2 - Eu também dona Marta, pensei na minha vida eu também fiquei pensando quando eu ainda morava no interior, eu sofri muito, primeiro com meu pai depois com meu casamento.

Como podemos constatar neste diálogo os *praticantespensantes* da escola da EJA, mesmo tendo um currículo que lhes é imposto esforçam-se para romper dentro da sala de aula com essa prescrição curricular, que está atrelada ao pensamento da monocultura do saber que torna invisível aquele conhecimento que é considerado improdutivo, local, residual, inferior e ignorante, (SANTOS, 2002, p. 250).

Nessa perspectiva, a sala de aula deixou de ser um espaço de opressão de alienação para se tornar um espaço de construção coletiva. Oliveira (2003) argumenta sobre a relevância de questionarmos as convicções e as verdades no privilegiado espaço de emancipação que pode ser a sala de aula,

Nessa concepção, a sala de aula configurou-se como lugar de emancipação, onde as relações entre os saberes escolares e os saberes dos estudantes não foram concebidas como dois polos independentes, mas sim como universos entrelaçados que se tecem constantemente validando conhecimentos.

É pertinente salientar que as práticas da professoras foram permeadas de táticas problematizadoras comprometidas com a mudança das situações em que vivem os estudantes da EJA. Essa construção coletiva/democrática caracteriza-se como uma forma de resistência dos *praticantespensantes* aos currículos engessados e pré-determinados, impostos pelas secretarias de Educação.

Observamos ainda a ausência de controle regulador por parte das professoras e os estudantes, em que os conhecimentos foram tecidos de forma dinâmica e múltipla, não foram medidos, nem controlados, seguiram a força das experiências pessoais no entrecruzamento de valores, significações nos currículos,

Currículos esses, que não foram centrados em verdades absolutas e sim, na horizontalidade em que os conhecimentos dos sujeitos são reconhecidos e valorizados, não existindo uma hierarquização de saberes.

Assim, ao problematizar a vida real nos currículos realizados nas salas de aula da EJA, as professoras buscaram caminhos que lhes possibilitaram compreender a existência cotidiana. Isso sem exigir a renúncia diante do que ela oferecia, mas ao contrário, reconsiderou-se a necessidade de um retorno à existência e à linguagem de “todo o dia”. Essas práticas pedagógicas utilizadas pelas professoras diferenciaram daquelas que vêm predominando historicamente, na EJA, porque apontou a importância de pensar a questão do conhecimento, seus

processos de criação para além da esfera reduzida da racionalidade cognitivo-instrumental e da ciência moderna (Santos, 2002), o que podemos considerar uma subversão pedagógica, dentro da escola de EJA, sem que uma voz se sobrepujasse a outra de forma autoritária e vertical uma vez que propôs a construção de um novo currículo, aquele *pensadopracicado* com características emancipatórias criados cotidianamente para essa modalidade.

4. CONCLUSÕES

Neste artigo, tendo como base a tradução de aulas de leituras, em uma duas escolas integrantes do Observatório Alagoano de Leitura, dentre as que dispomos, problematizando-se *até que ponto construções curriculares tornam-se possibilidades emancipatórias com/nas/das salas de aula da modalidade?*, consideramos que a pesquisa mostrou que os cotidianos das aula constituíram-se como *espaçotempo* indissociáveis dos espaços de produção do conhecimento curriculares e emancipação social, superando a ideia de *espaçotempo* de repetição.

Constatou-se que os *praticantespensantes* das turmas observadas, provocados pela professora, no diálogo em sala de aula, identificaram o sentido de suas vidas com o poema “Das Pedras” e por meio de táticas/transgressões extrapolaram o currículo oficial, no hibridismo dos seus saberes, dos da professora e aqueles constantes no referido poema.

Nesse sentido, observamos que as diversas táticas são criadas no cotidiano escolar da EJA pelos seus *praticantespensantes*, permanentemente, combinando possibilidades, e fazendo surgir inúmeras alternativas, em trajetórias que não podem ser previamente determinadas porque serão sempre diferentes e diversificadas.

Assim, essa pesquisa nos ajudou a “ver” outras formas de olhar os cotidianos das escolas da EJA, sem deixar de observar os velhos problemas, nesse processo conseguimos tornar visível a criação nos cotidianos escolares e que estes não eram essencialmente estagnação. Foi a partir da criação permanente das salas de aula, o aparente caos que se configurou num *espaçotempo* no qual liberdade e criação dialogaram que compreendemos entrelugares e não-lugares a criação de currículos emancipatórios.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. (Org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 91-108.
- ALVES, Nilda. As culturas de afro-descendentes em currículos na formação de professoras. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v.9, n. esp., p.149-161, out. 2008 – issn:1676-2592.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. Currículos e conhecimentos em redes: as artes de dizer e escrever sobre as artes de fazer. In: Alves, Nilda.; Garcia, R. L. (Org.). **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: Garcia, Regina Leite. (Org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa**: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas. Petrópolis: DP et Alii, 2008.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. Currículo, Cotidiano e Conversações. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v. 8 n. 2, Agosto 2001, Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>>. Acesso em: 20 agosto de 2024.
- OLIVEIRA, Inês B. **Currículos praticados**: entre a regulação e a emancipação. Rio de Janeiro: DP&Alii, 2003.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. A Crítica da Razão Indolente: Contra o desperdício da experiência. 4ªed. São Paulo: Editora Cortez, 2002.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**: um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2004. p. 777-82.